

## A ATUALIDADE DOS MITOS PRESENTES NA OBRA DE PLATÃO

Izabela Bocayuva\*

BOCAYUVA, I. (2014). A atualidade dos mitos presentes na obra de Platão. *Archai*, n. 13, jul - dez, p. 115-120  
DOI: [http://dx.doi.org/10.14195/1984-249X\\_13\\_12](http://dx.doi.org/10.14195/1984-249X_13_12)

**RESUMO:** *Platão elabora uma censura aos mitos tradicionais em sua obra capital A República. Isso é necessário exatamente porque segundo seu modo de pensar esses mitos podem proporcionar consequências nefastas na educação dos jovens gregos que não têm ainda discernimento para entrar em contato com a maneira em que neles é exposto o comportamento de deuses e heróis. Quer dizer que o mito, secular, continua sempre atuando atualmente. Isso não acontece apenas no caso de Homero. Os mitos que o próprio Platão reconta ou inventa em sua obra sofrem da mesma atualidade. Podemos experimentar ainda hoje a natureza desassossegada da alma humana tal como descrito no Fedro. Podemos perceber também a necessidade do cuidado a cada momento de cada gesto a partir do mito de Er, bem como igualmente a descrição do modo diferencial ou extraordinário de ser e viver do filósofo numa chamada "terra verdadeira" descrita no mito final do Fédon vem bem a calhar para ainda se entender hoje o modo de ser de um pensador. Queremos, nessa comunicação, expor justamente a atualidade dos mitos que Platão explora em sua obra.*

**PALAVRAS-CHAVE:** Platão; mito; mitos de Platão.

**ABSTRACT:** *Plato censures the traditional myths in his great work The Republic. This is necessary because he thinks that these myths can supply woeful consequences to the education of the young Greeks that don't have still discernment to be introduced to the way traditional myths expose the behavior of gods and heros. It means that the myth, being secular, always*

\* Professora adjunta do Departamento de Filosofia da UERJ.

Platão é o pensador de quem se afirma já ter dito tudo, todo o resto da reflexão filosófica sendo apenas anotação ao pé de página. A atualidade do pensamento de Platão é notória. Do mesmo modo entendemos se-lo o, digamos assim, conteúdo verdadeiro dos mitos em sua obra, seja o dos recontados, seja o dos inventados.

No segundo livro da *República*, o mito é duplamente caracterizado pela personagem Sócrates como *pseudes*, mas também como fala que contém alguma verdade. Mas que verdade seria essa? Quando finalmente damos ouvidos aos mitos, pelo menos aos presentes na obra platônica não podemos deixar de perceber seu caráter especulativo (e não sou só eu que afirmo isso. Frutiger no início do século XX já o dizia). Um exemplo que evidencia escancaradamente essa característica se encontra no início do diálogo *Fedon*, quando Sócrates, diante da paradoxal sensação "articulada" de dor e prazer, inventa um mito "como se fosse Esopo": dois *héteron* não paravam de brigar e não tendo atendido à solicitação do Deus para que cessassem a briga, tiveram as cabeças amarradas numa só, de tal modo que ao se encontrar um deles, o outro está ali também. Se observarmos com cuidado, todo o resto do diálogo *Fedon* não será senão variação sobre o tema colocado por esse mito inventado pelo filósofo, a saber, a diferença

*continues to be present. It doesn't happen only in the case of Homer. Even the myths that Plato relates on his way or invents are present too. We see it because we can nowadays still experiment the disquiet nature of the human soul as it is described in Phedre. We also can realize from the myth of Er the necessity of taking care of each gesture in each moment. The description of the differential or extraordinary manner of philosophical being and living in a called "true earth" described in the conclusive myth of Phedon is perfect to show the way of being a thinker even today. With this paper I want to expose how the myths that Plato explores in his work are still present.*

**KEYWORDS:** *Plato; myth; myths of Plato.*

radical entre dois termos que ao mesmo tempo estão necessariamente relacionados. Com efeito, é assim que o sensível se relaciona com o inteligível, o múltiplo se relaciona com o uno, o que participa da idéia se relaciona com a idéia, o que é causado se relaciona com a causa.

Acredito que é necessário lidar interpretativamente com os mitos que Platão nos apresenta, pois só desse modo se pode fazer jus à sugestão do próprio pensador de que a narrativa mítica diz de algum modo verdade, isto é, alcança algo necessário e constante como é o caso das estruturas constitutivas da existência humana que a meu ver são efetivamente expostas por ele em alguns mitos. Vou procurar aqui explicitar a minha interpretação de três deles bastante conhecidos: o mito da parelha alada do *Fedro*, o mito da caverna e o mito de Er do fim da *República*.

### **O mito da parelha alada**

A alma, apresentada como princípio do movimento, é descrita em imagem como sendo um carro puxado por dois cavalos alados conduzidos por um cocheiro. Quanto às almas divinas, ambos os cavalos são dóceis, não oferecendo qualquer trabalho ao condutor. Entretanto, os cavalos alados das almas humanas são de natureza radicalmente diversa, sendo um dócil, obediente ao cocheiro e o outro rebelde e que sempre puxando o carro para baixo, dificulta a visualização das idéias na planície elevada da verdade. O mais importante nessa imagem

é pontuar a natureza desassossegada da existência humana. Uma tal natureza nunca termina de ser difícil de conduzir, cabendo ao cocheiro esforço e empenho. Ora, Platão apresenta nesse mito uma hierarquia de almas ou mais ou menos capazes de trazer os cavalos para o alto, para uma clara visualização das idéias, isto é, para um pleno acesso às unidades possibilitadoras do nosso encontro com a multiplicidade sensível própria de quando as almas estão reencarnadas. As almas filosóficas estão no topo de tal hierarquia e são caracterizadas como as almas mais leves, enquanto as pesadas e estropiadas almas tirânicas encontram-se em último lugar. Quem conduz melhor os cavalos em constante desassossego pode "depois" lembrar melhor da unidade que, na verdade, dá origem a tudo de múltiplo com que nos encontramos, mas também é capaz da loucura amorosa mais plena e saudável. Quer dizer que, se, por um lado, nunca terminamos de ser marcados pelo desassossego, por outro lado, há a possibilidade de lidar melhor ou pior com isso. Nada de mais próprio do homem ontem, hoje e sempre.

### **O mito da caverna**

Sem dúvida o mito mais conhecido de Platão. Trata-se da imagem que quer dar conta fenomenologicamente da experiência propriamente humana da liberdade por excelência, o que no vocabulário próprio a Platão significa a experiência do tornar-se filósofo. Uma liberdade que inicialmente se desprende da prisão das opiniões, mas se lançando com empenho para uma visão verdadeira de cada coisa como ela mesma é em toda a luminosidade possível, chega à plenitude do mergulho na própria fonte da luz enquanto condição de possibilidade de todo conhecimento. A possibilidade dessa liberdade é absolutamente humana, o que quer dizer que ela é estrutural- e literalmente de todos, mas é de todos também o aprisionamento inicial.

O cenário que Sócrates oferece a Glaucon é bem nítido nesse sentido: Desde a infância usufruímos da luz que produz sombras à nossa percepção sem, no entanto, sermos capazes de dela nos darmos conta. Nossa primeira maneira de ser e sentir, conhecer e pensar é através desse usufruto que só

revela sombras. Na verdade não nos damos conta da condição de possibilidade para o *haver*, o nosso e o de tudo mais. A rigor não precisamos desse despertar para continuarmos vivendo nossa existência prática imediata. Mas como aquela condição de possibilidade sempre já esteve lá e é parte necessária e constitutiva do cenário que também já sempre nos inclui, nos diz respeito diretamente, ela pode a qualquer instante se mostrar, o que é descrito, pelo filósofo Sócrates, na forma de uma imposição súbita para um tipo humano de exceção que, por isso, é, de repente, arrancado das correntes.

A partir desse primeiro estágio de libertação, marcado por uma dor profunda por causa da obnubilação que o simples ter sido arrancado do conforto anterior junto à paradoxal “certeza” relativa à suficiência das opiniões, digo, a partir dessa experiência de pura negação, com o tempo, é possível lidar melhor com o outro lado daquelas imagens iniciais, um outro lado que as complementa no cenário total. A experiência filosófica da liberdade, mas também do conhecimento, vai cada vez com mais clareza compreendendo justamente a totalidade vista do alto como um cenário integral que nos constitui a todos sem exceção. Platão mostra nesse mito aquele que vai se tornando filósofo se valer, se tornar aliado das imagens, usando-as ao sair da caverna para justamente, só então poder mergulhar na luz pura do sol onde não há mais nada de forma ou cor para ser visto. Nada mais difícil ontem, hoje e sempre, a saber, libertar-se da visão disto ou daquilo, libertar-se para a pura possibilidade de ver, e poder estar no lugar tenente do *haver*, onde não cabe o juízo de valor a respeito do que quer que seja, mas só o deixar ser de tudo. É assim que o filósofo Sócrates, buscando a causa de todas as coisas, procura saber porque é *melhor* que elas sejam o que são. É assim que o sol é a condição de possibilidade de tudo o que há naturalmente, deixando tudo ser o que é.

Para Platão, segundo o mito da caverna, a questão da liberdade para o homem, só num primeiro estágio, ainda doloroso, implica em ruptura. Em seu desenvolvimento, a liberdade tomada em sentido radicalmente filosófico, se fortalecendo, vai se tornando cada vez mais uma nítida compreensão de

integração à medida que vai compreendendo o que está no princípio, até que se esteja apto a mergulhar no todo que ao mesmo tempo é nada, pois a pura luz já não traz nada dentro de si, sendo simplesmente possibilitação. Acredito ser esse o fundamento do não saber socrático.

É justamente o que essa visão a partir da integração tem a dizer que os acorrentados, sempre apenas com um olhar parcial, não compreendem. Será que hoje é diferente disso? Nos parece que esse mito descreve a verdade a respeito da liberdade enquanto processo fundamental de formação, isto é, de educação do homem e sua relação com o verdadeiro conhecimento. Como Platão mesmo faz Sócrates dizer no fim do mito, esse processo não é algo que se introduz no homem, pois nele já se encontra, mas é da responsabilidade de cada um desenvolvê-lo. Eis o que será tema do mito final da *República*, o mito de Er.

### Mito de Er

Um mito escatológico descrevendo o que se passa no mundo dos mortos? Não creio que os mitos escatológicos de Platão estejam falando da morte, mas sempre, isso sim, da vida. Mesmo que possa, aqui e ali usar referências da tradição órfica, por exemplo, isso não é feito senão para veicular em narrativa mítica algo que a demonstração filosófica não dá conta de fazer. A meu ver o mito de Er consiste numa fenomenologia da ação que nos atinge a todos o tempo todo e desde sempre. Os elementos dessa fenomenologia vão surgindo ao longo da narrativa, mas pretendem dar conta da descrição do que sempre está já ocorrendo a cada todo instante da existência humana.

Está em questão em toda a *República*, desde o livro um, o problema que reaparece no Livro X: o tornar-se bom ou mau, o que significa dizer, ser justo ou injusto, ser filósofo ou não, mas também ser feliz - *eu prattein* - ou infeliz. Não se trata, porém tanto de uma questão moralista quanto de uma questão hedonista, para aproveitar uma discussão que surgiu ontem aqui mesmo pela manhã na SBEC, na sala B do *Beijódromo*<sup>1</sup>. O problema está na responsabilidade em cada ação, a questão está na *metretike*.

1. Edifício do Campus da Universidade de Brasília, sede principal do Congresso da SBEC em julho de 2013.

O cenário do mito de Er é um Hades onde, paradoxalmente, as almas estão vivas e plenamente capazes de escolha. O sumamente importante, porém, é atentar para os elementos constitutivos de uma tal capacidade e até necessidade de escolha, os quais, como já foi dito, conduzem a uma compreensão de cada instante que acontece o tempo todo.

Em primeiro lugar, há que se observar que Hades, no mito, de um modo muito geral, é o nome para o intervalo entre uma vida e outra. Na nossa interpretação, vale dizer, é o nome para o intervalo entre uma ação e outra, entre um gesto e outro, entre uma palavra e outra. Mas não nos adiantemos demais. O mito começa dizendo que as almas que abandonaram os corpos, ao chegarem ao Hades, de acordo com um julgamento, são conduzidas ou para o alto ou para baixo, o que significa que elas são feitas, respectivamente, ou felizes ou infelizes. Nesses lugares permanecem por um longo período até retornarem para o prado onde reencontrar-se-ão. Há toda uma descrição da geografia do Hades na qual não nos deteremos aqui. Só reteremos que toda essa geografia é anunciada a partir da presença da deusa Necessidade (*Ananke*), apresentada aqui como a mãe das três moiras, *Laquesis*, *Cloto* e *Atropos*, respectivamente, passado, presente e futuro. No momento do reencontro das almas que vieram de cima e se deliciaram ou vieram de baixo tendo sofrido horrores, elas serão abordadas pelo mensageiro da moira *Laquesis* que anunciará sua responsabilidade em “escolher” a vida futura. No mito, Platão mostrará o desdobramento dessa dupla condição a partir de personagens míticas conhecidas de todos para dar a perceber claramente que aquela possibilidade de escolha nada tem a ver com livre arbítrio. É que veremos que a escolha pelo melhor à qual assistiremos evidencia ao mesmo tempo o quanto cada uma das almas não poderia, a cada caso, ter escolhido outro “melhor” para si mesma, mesmo que, como veremos, isso também não signifique determinismo.

Antes do momento de “escolherem” as vidas futuras, foi lançada por aquele mensageiro a sorte da ordem da escolha, algo que poderia significar vantagem, mas Platão faz logo ver que não se trata disso, pois aquela alma a quem coube escolher em

primeiro lugar e que, segundo é acentuadamente descrito, teria vindo de um período de mil anos no alto, escolheu precipitadamente, tendo avaliado inicialmente como se fosse bom, um terrível futuro, a saber, a vida de um tirano canibal, comedor dos próprios filhos. Essa escolha é explicada com todos os detalhes. Esse que teria vindo de cima por ter sofrido um bom julgamento teria vivido anteriormente numa cidade bem governada. Ele era somente um tipo bem comportado. Não tinha merecido subir - e aí vale a pena acentuar - por percurso na filosofia. Ele era um tipo *aneu philosophias*. Sua atitude depois da escolha também é detalhadamente descrita. Mesmo tendo ouvido do mensageiro - ou melhor, tendo ouvido, mas não escutado - que o deus é isento de qualquer culpa pelas escolhas e que o responsável é sempre a cada vez cada um, ele culpa a tudo e a todos, menos a si mesmo, pelo seu terrível destino.

Aparecem outras “escolhas” sendo feitas, cada uma delas evidenciando a relação imediata do futuro escolhido com o passado recentemente vivido. Agamenon “escolhe” a vida de uma altiva águia, Ajax, a vida de um feroz leão, Orfeu a de um cisne cantor e assim por diante até chegarmos àquela alma a quem coube escolher em último lugar: Ulisses. Este, lembrando muito bem do que passara em sua vida anterior - e devemos guardar precisamente essa alusão à lembrança feita aqui - com toda a tranquilidade procura uma vida que finalmente encontra deixada de lado pelas outras almas, a vida de um homem comum desocupado. A meu ver é a vida do filósofo que ele procurava e encontra, uma existência sem as tribulações que sempre anteriormente estiveram a atrapalhar o pensamento do mais sagaz dos heróis gregos.

É gritante a diferença de atitudes do primeiro e do último a escolher a vida futura. Ulisses, ao contrário do arrependimento do primeiro, alegrou-se com sua escolha e afirma que se tivesse sido o primeiro a escolher, teria chegado ao mesmo ponto, o que evidencia sua sabedoria em contraste com o tipo *aneu philosophias*. Assim, quando se trata de responsabilidade na ação, a sorte, portanto, não é nada. O que decide a cada vez é o teor filosófico da escolha. Só isso gera leveza ou, senão, peso. O

grau máximo desse teor é apresentado na leveza especialmente pontuada na escolha de Ulisses.

Depois das escolhas realizadas, cada alma terá seu destino amarrado pelo fio de *Cloto*, o presente, e cortado por *Atropos*, o futuro, que traz para essa trama a irreversibilidade. Nessa trama, o passado propicia generosamente as possibilidades e é o futuro que traz irreversibilidade. Está no futuro, amarrado pelo presente, no passado, o não mais poder voltar atrás. A meu ver, Platão está, com isso, através da articulação das três moiras - passado, presente e futuro -, falando do instante que constitui cada - mas cada mesmo - todo gesto, toda ação e que, enquanto tais, são sempre fruto da Necessidade, como as moiras são, todas três, filhas de *Ananke*. Cada instantâneo acontecimento oferecido por um passado articulado por um futuro que com ele necessariamente tem diretamente a ver, é completamente necessário, ou seja, é sempre o exercício de realização do real responsabilmente articulado em sua possibilidade de ser. De irreversibilidade a irreversibilidade de cada gesto realizado morremos – e tal como Er, não morremos, vivemos – a cada momento. E desse modo que vejo o mito escatológico estar apontando mais para a vida do que para a morte, pois o momento desta última é a mesma hora daquela: vida e morte perfazem na mesma linha o côncavo e o convexo.

Agora, é preciso pontuar que a necessidade de ser de cada gesto em sua articulação entre futuro e passado no presente não é nada de meramente determinista, mas implica forçosamente em criativas possibilidades de transformação. O mito faz questão de acentuar que a vida do primeiro que veio do alto, num próximo lance, desceria bem fundo futuramente ou, que as almas que teriam subido depois de passarem horrores, com toda cautela puderam fazer escolhas mais felizes do que as anteriores. Na verdade, nada está garantido. Tudo depende de cuidado.

O mito ainda fala do último contato das almas com a Necessidade antes de serem obrigadas a beber, na planície do Esquecimento (*Lethe*), do rio Descuido (*Ameles*). As águas desse rio não podem ser retidas em nenhum recipiente. Beber demais dessa água é trazer consigo a marca da não retenção, isto é, da não aprendizagem com as ações e, portanto,

do esquecimento. Quanto de descuido bebemos a cada ação que realizamos? Se bebemos muito, com certeza será muito mais difícil acertar o passo, o que significa dizer, muito mais difícil lembrar, como Ulisses, filosoficamente das turbulências passadas, e assim poder tornar leve e feliz o passo.

Ainda ouvindo a narrativa mítica do fim da *República*, escutamos, no momento das almas descenderem para seus futuros corpos, o som de um trovão e sentimos um tremor de terra. A meu ver, esses são sinais que aludem ao tempo do instante do qual estamos tratando aqui.

Pelo que pudemos observar, Platão, ao contar mitos, definitivamente não está falando com crianças, nem cabe pensar em facilidades. Ele se dirige, isso sim ao homem que todos nós já somos, mas que também precisamos vir a ser. Platão, através dos mitos, trata de estruturas complexas constitutivas desse homem. Os mitos que acabamos de considerar são todos especulativos e nos ajudam a pensar filosoficamente seja a natureza turbulenta do homem, seja a liberdade, seja a essência da ação, tudo isso atemporalmente, pois trata-se de elementos constitutivos da humanidade do homem sempre.

### Referências Bibliográficas:

- BARACCHI, C. (2002). *Of myth, life and war in Plato's Republic*. Indiana, Indiana University Press.
- BERNABÉ, A. (2011). *Platão e o orfismo Diálogo entre religião e filosofia*. Trad. Dennys Garcia Xavier. Brasília, Annablume.
- BRISSON, L. (1982). *Platon les mots et les mythes*. Paris, François Maspero.
- \_\_\_\_\_. (1994). *Platon les mots et les mythes*. Paris, Éditions La Découverte.
- \_\_\_\_\_. (2005). *Introduction à la Philosophie du mythe 1 Sauver les mythes*. Paris, Vrin.
- DIXSAUT, M. (2005). *Études sur la République de Platon 2 De la Science du bien et des mythes*. Paris, Vrin.
- \_\_\_\_\_. (2003). *Platon*. Paris, Vrin.
- FRUTIGER, P. (1930). *Les mythes de Platon étude philosophique et littéraire*. Paris, Librairie Félix Alcan.
- MATTÉI, J-F. (2002). *Platon et le miroir du mythe*. 2a ed. Paris.
- MORGAN, K. (2000). *Myth & Philosophy From the Presocratics to Plato*. New York, Cambridge University Press.

PARTENIE, C. (2009). *Plato's Myths*. New York, Cambridge University Press.

PLATÃO. (1977). *Obras completas*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém, Editora da UFPA.

\_\_\_\_\_. (1989). *PLATONIS OPERA*, 5 Tomus. Oxford, Oxford.

PRADEAU, J-F. (2004). *Les Mythes de Platon*. Paris, Flammarion.

REINHARDT, K. (2007). *Les Mythes de Platon*. Trad. Anne-Sophie Reineke. Paris, Gallimard.

SANTOS, J. T. (org.) (1999). *Anamnese e saber*. Lisboa, Casa da Moeda.

STEWART, J. A. (1970). *The myths of Plato*. Centaur Press Ltd.

Recebido em maio de 2014,  
aprovado em junho de 2014.